

PIERRI, Daniel Calazans. O perecível e o imperecível: reflexões guarani Mbya sobre a existência. São Paulo: Elefante, 2018.

José Calixto Kahil Cohon

Universidade de São Paulo

“A próxima terra será dos índios” (PIERRI, 2018: 302). A sensação de cataclismo global que afeta a todos na contemporaneidade ganhou nova perspectiva a partir das narrativas dos povos que têm resistido ao desenvolvimento suicida das forças produtivas do capitalismo. O mundo dos brancos, ou a civilização ocidental de origem greco-romana, ou o capitalismo tardio globalizado aos moldes Norte Americanos está com seus dias contados. “Nhanderu está bravo, e por isso vai limpar esta terra e vai acabar os *jurua*” (Id.: 299). A divindade maior guarani não está feliz com os caminhos tomados pelo não indígena (*jurua*) e vai impor grandes transformações nessa terra mais uma vez. Assim profetiza Xeramoí Verá Miri *rãgue’i*, xamã Guarani Mbya no livro “O perecível e o Imperecível”, escrito pelo antropólogo Daniel Pierri.

Diante dessa visão de um mundo limpo, em conformidade com os desejos divinos, em que todos os problemas gerados pelo modo de vida não indígena tenham sido sanados no corpo e no espírito, Pierri apresenta implicações políticas a partir de formulações antropológicas: “creio que a contundente crítica que o pensamento guarani oferece à nossa sociedade já seria uma justificativa mais que suficiente para que a antropologia continuasse empenhada em mostrar *outros mundos possíveis*” (Id.: 171). A capacidade de pensar *outros mundos possíveis* se desdobra em um amplo campo de reflexão, indo da cosmogonia e da metafísica, até a materialidade dos fluídos corporais e alimentos. Aos anciãos Guarani é concedida a voz e o respeito. Nos conta Vera Miri: “[Nhanderu] já destruiu a terra antes, já queimou a terra, e sempre sobraram os brancos”. Mas “essa terra é segura. Não vai ser esmagada, não vai ser destruída, só vai ser limpa. Só vai levar embora toda a terra ruim, para a borda do mundo” (Id.: 300). É a partir destas reflexões que Pierri apresenta uma “crítica xamânica ao fetichismo da mercadoria e ao cristianismo” (Id.: 36). O fetichismo da mercadoria, que é motor do modo de vida *jurua*, e a culpa cristã, marca da resignação moral, são colocados em xeque não pelas mãos do antropólogo engajado, mas pelos próprios indígenas que posicionam suas palavras e flechas para o campo metafísico, territorial e cultural.

É nesta intensidade de implicação política que este estudo sobre a cosmologia Guarani Mbya nos apresenta um fortuito caminho. Tendo como base fundamental o trabalho de campo desenvolvido por mais de dez anos com os povos Guarani Mbya do Sudeste, aliado à metodologia de experimentação antropológica implicada, e superando os desafios do dialeto Mbya, Pierri





é capaz de nos apresentar um amplo leque de reflexões a respeito do modo de vida guarani e de suas cosmogonias. A orientação teórica tem como base o perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro e assume o postulado de que é preciso “levar a sério” as palavras que nos oferecem os sábios anciãos guaranis. O livro então contribui de maneira significativa para a superação de certos estereótipos e convenções teóricas a respeito do pensamento Guarani, quando desloca o foco de linhas que apontam para o processo de aculturação, ou de busca de pureza originária, para a capacidade de ressignificação, transformação, devoração e reincorporação de uma série de objetos, hábitos e cosmologias que esse povo foi capaz de criar e recriar. Importa menos a origem e a história. O que realmente importa é como a história vive hoje, como isso nos afeta, e como ela se desdobra em novas significações. Afinal, como Pierri nos lembra citando Lévi-Strauss, os mitos “se pensam nos homens, e à sua revelia” (Id.: 87), ou seja, os mitos fundantes atravessam a história dos sujeitos que a testemunham e a transformam.

Fruto da dissertação de mestrado orientada por Dominique Gallois, o livro é repleto de relatos bilíngues coletados dos anciãos Guarani, comentados com amplo domínio da extensa bibliografia guaranística que coteja Nimuendaju, Cadogan, Meliá, Pissolato e o casal Clastres, tendo em vista o debate antropológico com Lévi-Strauss, Taylor, Viveiros de Castro e Sahlins, para enfim se aproximar dos domínios da filosofia com a qual busca estabelecer pontes conceituais, como com Platão, Deleuze e Guatari.

O primeiro capítulo disserta sobre Kuaray, Jaxy e Tupãra’y: Sol, Lua e Jesus. No mito guarani mbya de criação do mundo, Pierri identifica o que Lévi-Strauss chamou de ideologia bipartida, ou gemelaridade lógica. Trata-se da constatação de estudos de parentesco que estabelecem o desdobramento reprodutivo das divindades e dos próprios seres da terra. Esse processo sempre se dá por duplicação, imitação, dobra, naquilo que pode ser entendido como um dualismo. A lógica das oposições - Sol e Lua – é um exemplo que permite derivar uma cadeia de desdobramentos acima e abaixo, numa imagem fractal da ascendência ou descendência de divindades. Da origem divina do corpo guarani à criação dos demais povos, Pierri fornece através dos relatos de suas conversas com xamãs uma profunda sabedoria Guarani Mbya.

O livro então nos apresenta uma história comum entre os Guarani, deixada de lado pela literatura antropológica: a história de Tupãra’y ou o filho de Tupã, Jesus. Para os Guarani, Jesus foi enviado de Nhanderu para pacificar os brancos, mas os brancos não ouviram a lição e o assassinaram, reafirmando seu caráter destrutivo. O culto de Tupãra’y pelos brancos desencadeou a especiação de animais domésticos e a aquisição da tecnologia. E como Tupã permitiu que seu filho fosse torturado e crucificado? Tupãra’y se duplicara numa imagem que passa como modelo de seu outro. Da interpretação e análise desta devoração do cristianismo pela lógica guarani, Pierri estabelece comparação com aquilo que afirma Lévi-Strauss: “é digno de nota que, na América, um dos gêmeos quase sempre ocupe o posto de deceptor: o princípio do desequilíbrio está situado no interior do par” (Id.: 93). No interior do desdobramento e da duplicação o par nunca é igual, mas sim marcado sempre por uma diferença, em geral, carregada de defeito, má escolha, desvio

ou engano.

Essa passagem de um mundo divino que se desdobra e passa a conter enganos e desvios terrenos passa a ficar mais clara no segundo capítulo do livro. Pierri mobiliza o termo *marã* e seu oposto *marã e 'y* e os traduz como “perecível e imperecível”. Os deuses e suas moradas e a nossa terra - criada e cuidada por eles - coexistem de maneira vertical, ligados por uma corda e um extenso mar. As moradas divinas são imagens, modelos duplicados do que é nossa terra: são cidades celestes. A diferença é que as cidades celestes são imperecíveis, lá as coisas não quebram, não estragam, não dão errado como nas cidades daqui da terra. Como afirma Pierri, “o rendimento da oposição entre o perecível e o imperecível, ao menos no pensamento guarani *mbya*, não está simplesmente na caracterização dos mundos celestes, mas na relação entre esses e os mundos terrestres” (Id.: 176). É partindo dessa relação que Pierri apresenta os conceitos de *tekoaxy* e *tekororã*: condição terrestre perecível e condição celeste imperecível. A condição perecível é aquela carregada de infortúnios e doenças. Por outro lado, o conceito *Porã*, bom e belo, é um atributo ligado ao imperecível, mas também se refere a uma possibilidade de experiência no mundo perecível. Se ser bom e bonito são atributos divinos, os Guarani acreditam que é possível atingir o estágio de imperecibilidade dos deuses. Há uma ética e uma política, fruto de uma coexistência horizontal, que é capaz de engendrar um corpo e espírito divino numa terra perecível. O contrário também é possível: deuses que vêm à terra para habitar o mundo perecível. É o caso dos *queixada* (porcos-do-mato), o rebanho caseiro dos *nhanderu miri*, divindades que habitam as florestas e ajudam a cuidar da terra.

Faremos aqui uma possível crítica ao texto de Pierri. A ideia que ele propõe de um “platonismo em perpétuo desequilíbrio” nos parece demasiado afastada do quadro geral da organização cosmológica e metafísica dos *Mbya*. O mundo não é mera imagem platônica do mundo celeste. O mundo coexiste, se entrecruza, se desdobra e amadurece do perecível ao imperecível e vice-versa, num devir de renovação e morte constante. O corpo guarani pode ser divino e os *nhanderu miri* estão próximos de nós. Parece-nos inconciliável conjugar platonismo e desequilíbrio perpétuo em um conceito. A ideia de platonismo nos remete à distância e à mimese como cópia imperfeita. Isso vai contra a leitura da cosmologia *Mbya* de Pierre, na qual observamos uma noção de mimese como transformação e de esferas celestes que se aproximam do mundo terreno. De toda forma, teoricamente, para se falar em platonismo, talvez fosse importante entrar a fundo no escopo de um pensador tão caro à filosofia e ao pensamento ocidental. Também valeria refletir o quanto é necessário mobilizar autores tão distantes quando se tem uma verdadeira e pulsante filosofia sendo narrada por seus interlocutores guarani. Por outro lado, o caminho com a filosofia de Deleuze - talvez por influência de Viveiros de Castro - é mais bem-sucedido, pois mobiliza os conceitos de transformação corporal, *ojepota*, devir-animal, ou no profetismo, devir-deus. A ideia de desdobramento, de dobra e de diferença contínua também remete ao filósofo francês pós-estruturalista de maneira mais objetiva.

Dentro desse campo filosófico e metafísico, de estruturas divinas imperecíveis, que se





desdobram numa diferença contínua até a formação e origem da nossa terra, o livro apresenta seu mais surpreendente capítulo: “Comendo com os deuses”. Pierri expõe uma extensa coleção de costumes e modos de agir que dizem respeito a fases de crescimento da vida, sexualidade e maternidade, ritos xamânicos e especialmente à dimensão dos hábitos alimentares. O corpo e seus fluidos são entendidos como “um feixe de afecções e capacidades” e a virtude consiste em se aprender com qual regime de imagens o corpo pretende se misturar. O modo decaído do *jurua* tem como um dos seus principais causadores o seu modo de alimentação, que vem da indústria da pecuária e da monocultura, modos de coletar e consumir alimentos que destroem as florestas e afastam os *nhanderu miri*. Mais um exemplo de uma crítica xamânica guarani ao modo de vida capitalista, operada agora num regime político bem mais terreno.

Enfim, “O Perecível e o Imperecível” se configura como importante contribuição para os estudos guaraníticos. E se começamos este texto falando do fim do mundo, seguimos algumas pistas que Pierri nos mostra a respeito de um outro mundo possível: “a valorização da vida na terra deve ser um esforço constante de ‘produzir em si mesmo a humildade’” (*-nhemomboriau*) através de práticas corporais. Isso por que não há teleologia, o cosmos será sempre uma criação em aberto” (Id.: 297). Aquele que tudo sabe já foi levado deste mundo. O verdadeiro pensamento do sábio é bem próximo àquele de Sócrates: saber que nada sabe, que tudo aprende. A próxima terra será dos índios, ou esta terra de todos nós se transformará, mostrando outros modos de existir e de pensar, deixando perecer o que há de ruim e amadurecendo em busca do que há de bom. Basta buscar esse modo de vida mais doce, mais humilde e menos destruidor. *Aguyjevete!*